



EMPREENDEDORISMO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS 2014

RESULTADOS QUALITATIVOS

Realização:

endeavor
BRASIL

SEBRAE

Principais Pontos

“EMPREENDER NÃO É NECESSARIAMENTE ABRIR UM NEGÓCIO.”

Muitos estudantes apontaram que podem empreender de outras formas, até fazendo pesquisas.

“A MÍDIA FALA DA PARTE BOA E A UNIVERSIDADE ESTIMULA.”

Os alunos apontaram um grande incentivo ao empreendedorismo pelas universidades e pela mídia, mas também dizem que os desafios de se abrir um negócio costumam não ser tão mostrados.

“ACHO QUE VOCÊ NUNCA ESTÁ PREPARADO.”

O sentimento de falta de preparo dos alunos foi citado durante todo o estudo, porém, apesar de cobrarem das universidades aulas que mostrem mais a realidade dos empreendedores, não cobraram tanto a necessidade de aprenderem ferramentas de gestão.

“É O AMBIENTE, NÃO É A DISCIPLINA QUE GERA AS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA APRENDER A EMPREENDER.”

Empresas juniores, rede de contatos, entre outras, foram apresentados como fontes de aprendizagem tão ou mais importantes que as disciplinas de empreendedorismo.

“ACHO QUE É MUITA TEORIA.” X “ACHEI BEM LEGAL ESTUDAR UM POUCO DA TEORIA.”

Entre os alunos, houve grande divisão de opiniões quanto à importância de conteúdos teóricos. Por alguns, até análises de casos foram consideradas como conteúdo teórico.

“EU ACREDITO QUE PRECISA REVER O TRABALHO ENTRE (NÓS) DOCENTES.”

Muitos dos professores entrevistados querem melhorar as suas aulas de empreendedorismo, de variadas formas. Mesmo assim, hoje algumas disciplinas não tratam dos assuntos que os professores acham importantes.

Sumário

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	5
RESULTADOS	6
Empreender: De “abrir um negócio” a “fazer algo diferente”	7
Empreender está na moda	10
As aulas, segundo os professores	11
As aulas, segundo os alunos	12
Para empreender, tem que sair da sala	15
O empreendedor é um eterno aluno	17
RECOMENDAÇÕES	19
ANEXOS	26

Agradecimentos

Participaram do estudo 39 Instituições de Ensino Superior (IES), por meio de grupos de foco e/ou por meio de entrevistas com professores de empreendedorismo: Anhembi Morumbi, CEFET-MG, FAAP, FACHA, FAE, FECAP, FESP, FGV, FIAP, FMU, FUMEC, Ibmec-MG, IBS/FGV, Insper, Milton Campos, Newton Paiva, PUC-MG, PUC-PR, PUC-Rio, UESB, UFAL, UFF, UFMG, UFMS - Pantanal, UFPB, UFPE, UFPR, UFRJ, UNESA, UniBrasil, UNICAMP, UCS, UNIFEI, UNIFIEO, UNIFOR, UNIMEP, UNINOVE,

UPE e USP. Todas elas contribuíram para que fosse possível obter um diagnóstico mais rico sobre o ambiente empreendedor no meio universitário, e os realizadores agradecem especialmente a todos os participantes dessas instituições, assim como a parceria dos professores Marcos Hashimoto, da Escola São Paulo, e Edmilson Lima, da Uninove, que participaram ativamente de todas as fases deste estudo.

Introdução

A pesquisa qualitativa Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras, realizada pela Endeavor e pelo Sebrae, pretende aprofundar alguns resultados encontrados nas pesquisas quantitativas que a Endeavor já realizou com milhares de universitários brasileiros. Além de sabermos quantos alunos querem empreender, investigamos por que esse número é tão alto, por exemplo. Além de apurarmos quais atividades e aulas estão acessíveis aos alunos, também procuramos saber como essas atividades acontecem e como elas impactam os alunos. As opiniões e sugestões dos participantes também enriquecem este relatório e servem de insumo para a formação de recomendações, que se encontram após os principais resultados desta pesquisa.

Desta vez, ao invés de milhares, 60 alunos de 29 instituições de ensino foram ouvidos em seis grupos de foco, com duração média de duas horas cada um (vide Anexo 1). Ao invés de centenas, 22 professores ou coordenadores de empreendedorismo foram ouvidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, com duração média de 50 minutos, feitas de forma presencial ou por meio de videoconferência. Através dessas conversas e entrevistas, foi possível não só aprofundar algumas das questões apresentadas nos levantamentos quantitativos, como também identificar novas questões e perspectivas para o ensino de empreendedorismo nas universidades brasileiras. Além

deste relatório, a Endeavor também produziu outras pesquisas sobre ensino empreendedor e outros temas de empreendedorismo, que também podem ser consultadas no nosso portal (endeavor.org.br).

SOBRE O RELATÓRIO

No Anexo 1, são apresentadas as principais informações sobre os participantes e suas respectivas contribuições. A identificação pessoal dos respondentes não será apresentada, já que o estudo tem como objetivo identificar tendências sobre o ambiente universitário em geral, e não analisar as IES ou os entrevistados individualmente. É válido destacar que não necessariamente opiniões pessoais destacadas aqui têm relação com o tratamento dado ao Ensino Empreendedor (EE) pelas universidades. Os trechos de declarações de alunos e professores destacados ao longo do relatório eventualmente podem ter sido editados, mas ainda possuem seu sentido original. Os comentários em verde foram feitos por alunos, enquanto os em roxo são os de professores.

Resultados

ANALISANDO OS GRUPOS DE FOCO E AS ENTREVISTAS REALIZADAS, FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR UMA SÉRIE DE DIFERENÇAS DE OPINIÕES E VISÕES ENTRE AS CIDADES ESTUDADAS. ALÉM DISSO, A NATUREZA DA UNIVERSIDADE (PÚBLICA OU PRIVADA) TAMBÉM GEROU UM CERTO FATOR DE CONTRASTE NOS RESULTADOS. A SEGUIR, AS CONCLUSÕES MAIS IMPORTANTES DA PESQUISA.

Resultados

EMPREENDER: DE “ABRIR UM NEGÓCIO” A “FAZER ALGO DIFERENTE”

Durante os grupos de foco, foram mostradas aos alunos quatro definições de empreendedorismo (vide Anexo 2) e pedido a eles que indicassem com qual dessas definições eles mais se identificavam. As conceituações de empreendedorismo foram variadas entre os alunos de diversas instituições e, até mesmo, entre alunos da mesma instituição.

Embora a concepção de empreendedorismo tenha variado bastante entre os grupos focais e também dentro de um mesmo grupo, o primeiro grupo focal de São Paulo destacou-se pela ênfase na abertura de negócios, tanto entre alunos de IES públicas quanto privadas. O grupo de Curitiba foi na mesma linha de abertura de negócios, porém, ponderou que quem se considera empreendedor não necessariamente queira abrir um negócio próprio, mas colaborar ativamente com a ideia de outros. No Recife e no Rio de Janeiro, destacaram-se por uma concepção mais aberta do que é empreender. Destaca-se o fato de que, no Recife, a palavra “negócio” só surgiu porque o entrevistador trouxe à tona a palavra:

“O QUE ME CHAMA A ATENÇÃO É QUE, NESSE GRUPO EM PARTICULAR, NINGUÉM CITOU A PALAVRA NEGÓCIO. ENTÃO AS SUAS MOTIVAÇÕES ESTÃO MUITO LIGADAS COM O DIFERENCIAL, COM O FAZER A DIFERENÇA.”

O conceito de empreendedorismo foi frequentemente relacionado ao conceito de inovação nos grupos de foco. Sobretudo nos grupos que tiveram uma concepção mais aberta do tema, a inovação, além da capacidade de questionar e modificar a realidade, foi fortemente associada ao empreendedor, ainda que aqueles considerados empreendedores estivessem empregados em organizações que não as deles. E a percepção dos alunos de que essas características não necessariamente são encontradas em todos os donos de empresas reforçou a diferença entre o conceito de empreender e o de ser dono de um negócio.

“EMPREENDER NÃO É NECESSARIAMENTE ABRIR UM NEGÓCIO, VOCÊ PODE EMPREENDER DENTRO DE UMA EMPRESA EM QUE VOCÊ ESTEJA TRABALHANDO, DENTRO DE UMA ORGANIZAÇÃO.”

“AGREGAR VALOR PARA ALGUÉM, PARA SOCIEDADE DE FATO, SABE? CONSTRUIR ALGUMA COISA QUE VAI SER RELEVANTE PARA MUITAS VIDAS. ESSA É A MOTIVAÇÃO INICIAL. SOLUCIONAR PROBLEMAS DE PESSOAS E TORNAR A VIDA DELAS MELHOR.”

Resultados

EMPREENDER: DE “ABRIR UM NEGÓCIO” A “FAZER ALGO DIFERENTE”

Na discussão do grupo focal de São Paulo, ponderou-se, ainda, que não são todas as empresas que possibilitam o desenvolvimento profissional abrangente, daí a solução, que muitos encontram, de abrir um negócio próprio.

Alunos que passaram por um tipo de formação que buscasse dialogar melhor a teoria e a prática mostraram uma compreensão mais abrangente do que é empreendedorismo e dos aspectos que contemplam o ensino da área.

“ PESQUISADOR É UM [...] EMPREENDEDOR [...]. O CARA REALMENTE CAUSOU IMPACTO SOCIAL RELEVANTE A PARTIR DE DESENVOLVER UMA METODOLOGIA DE PESQUISA QUE PUDESSE, EM TEMPO REAL, DESENVOLVER SOLUÇÕES DE PROBLEMAS.”

“ EU NÃO CONSIGO VER EMPREENDEDORISMO COMO UMA MATÉRIA, EU ACHO QUE É MAIS UMA CONSTRUÇÃO DE DIVERSAS AÇÕES QUE VAI CONSTRUIR O PERFIL DO EMPREENDEDOR. NÃO, ACHO QUE VEM DE UMA CULTURA, DE UM AMBIENTE, COMO UMA ESCOLA MAIS FLEXÍVEL, QUE DÁ OUTRA MANEIRA DE VOCÊ APRENDER, NÃO SÓ ADMINISTRAÇÃO, MAS OUTRAS MATÉRIAS. É ISSO QUE CONSTRÓI O PERFIL DO EMPREENDEDOR.”

Os alunos de universidades cujos programas de ensino estimulam o desenvolvimento de um senso crítico, junto ao ensino das ferramentas e técnicas administrativas, demonstraram uma compreensão mais abrangente do que é empreender e uma perspectiva mais complexa das questões para as quais um empreendedor precisa estar atento.

As afirmações vistas acima ajudam a explicar o porquê de a maioria dos alunos que responderam à pesquisa em 2012, apesar de afirmarem terem interesse em abrir seu próprio negócio, não estavam juntando dinheiro, avaliando oportunidades ou se dedicando a abrir empresas durante a faculdade. Ainda, em função do interesse dos alunos em empreender, nos surpreendeu, na pesquisa de 2012, o baixo número de alunos que de fato haviam participado das disciplinas (menos de 40% do total de pesquisados já tinham feito as disciplinas, contra 60% dos pesquisados que indicaram interesse na matéria). Ao conversar com os alunos, notamos que muitos dos entrevistados ainda estavam nos primórdios do curso e, portanto, pretendiam ainda fazer as disciplinas. Essa explicação foi confirmada na pesquisa quantitativa realizada posteriormente: apenas 11% dos alunos não priorizam ou têm interesse na disciplina. Mais de 20% dos alunos afirmam que ainda farão disciplinas de empreendedorismo e cerca de 18% afirmam que o motivo para não fazer a disciplina é que esta não é oferecida

Resultados

EMPREENDER: DE “ABRIR UM NEGÓCIO” A “FAZER ALGO DIFERENTE”

em seu curso (o que é mais comum em cursos menos relacionados a negócios, como ciências da saúde, letras e artes, entre outros).

OPINIÃO DOS PROFESSORES

Assim como os alunos mostraram grande diversidade de opiniões sobre o que é empreender, os professores não foram muito diferentes. Dentre essa diversidade, está o foco no perfil do empreendedor ou na atividade que exerce, conforme os trechos abaixo. Isso talvez possa ser explicado porque as disciplinas de empreendedorismo pesquisadas dão grande foco a trabalhar o comportamento do empreendedor em aulas teóricas, por meio de conceitos de especialistas.

“EU NÃO ASSOCIO O EMPREENDEDOR AO EMPRESÁRIO. EU TRATO O EMPREENDEDORISMO COMO ATITUDE, COMO POSTURA EMPREENDEDORA, A PESSOA AUDAZ, O ESPÍRITO INQUIETO. (...) ALGUÉM QUE ESTÁ SEMPRE BUSCANDO ALGUMA COISA, QUE PARA ELE É NOVA, OU QUE VAI SER NOVA PARA AS PESSOAS QUE VÃO USAR AQUILO. (...) E EU ACREDITO QUE MUITA GENTE PODE SER EMPREENDEDORA, DENTRO DE UMA EMPRESA. ELE PODE CRIAR E DESENVOLVER PRODUTOS E ATIVIDADES EXTREMAMENTE IMPORTANTES”.

“[...] EU PREFIRO NÃO FICAR MUITO PRESA, NEM TENTAR BUSCAR CARACTERÍSTICAS NO INDIVÍDUO, PORQUE EU ACHO QUE, QUANDO A GENTE BUSCA CARACTERÍSTICAS, MESMO ESSAS CARACTERÍSTICAS QUE A PRÓPRIA LITERATURA APONTA, EU ACHO QUE A GENTE FICA MUITO PRESO E CORRE O RISCO DE EXCLUIR PESSOAS QUE PODERIAM SER EMPREENDEDORAS MAS NÃO SE ENQUADRAM NO PERFIL DA LITERATURA.”

O estímulo à criatividade e à inovação dos estudantes foi sugerido pelos professores como um modo importante de ensinar o aluno sobre empreendedorismo.

“BASICAMENTE, EU ACHO QUE UM CURSO E UM PROGRAMA DE EMPREENDEDORISMO DEVEM ABORDAR, NUM PRIMEIRO MOMENTO, A GERAÇÃO DE IDEIAS, TRABALHANDO MUITO A QUESTÃO DA CRIATIVIDADE PARA GERAÇÃO DE IDEIAS.”

Resultados

EMPREENDER ESTÁ NA MODA

As opiniões dos alunos sobre os 60% dos colegas que declaram na pesquisa quantitativa pensarem em abrir um negócio foram inconclusivas e especulativas.

No grupo focal de Belo Horizonte, os alunos consideraram que muitos dos que dizem querer abrir um negócio levam em conta a “glamourização do empreendedorismo, e não arcam com as dificuldades decorrentes da abertura de novos negócios”. Outros citaram as dificuldades financeiras para empreender como um fator de desestímulo.

No Rio de Janeiro, a resposta foi semelhante, com destaque para a divulgação positiva que se faz do empreendedorismo, que muitas vezes não alerta para os seus desafios. O despreparo dos jovens, quando comentado, não foi diretamente atrelado ao ensino das ferramentas técnicas pela universidade, mas a um conhecimento mais abrangente de empreendedorismo, como foi visto anteriormente. No trecho abaixo, há um exemplo de divulgação positiva.

“ACHO QUE ESSE NÚMERO NA VERDADE PODERIA SER MENOR, MAS ELE É GRANDE ASSIM PORQUE UM JOVEM DE 18 ANOS, ENTRANDO NA UNIVERSIDADE, TEM UM HORIZONTE DE OPORTUNIDADES. [...] SE ALGUÉM PERGUNTA PARA ELE ‘VOCÊ QUER EMPREENDER?’, ELE FALA ‘AH, QUERO’ [...] A MÍDIA FALA DA PARTE BOA E A UNIVERSIDADE ESTIMULA”.

Além da universidade e da mídia, pais, amigos e outras pessoas dos círculos dos alunos também os estimulam a empreender, o que foi percebido em todos os grupos de foco.

“ACHO QUE NESSE CASO OS PAIS FACILITAM, ELES PODEM MOSTRAR POSSIBILIDADES, NÃO NECESSARIAMENTE ELE VAI FALAR ASSIM: ‘AH, POR CAUSA DOS MEUS PAIS ESTOU EMPREENDENDO E PONTO.’ MAS EU IMAGINO QUE POSSA TER UMA INFLUÊNCIA: ‘OLHA, FILHO, TEM ESSA ESCOLA, TEM CASO BACANA AQUI, LIVRO DO FULANO QUE ESTÁ EMPREENDENDO.’ DE CERTA FORMA, OS PAIS INFLUENCIAM SIM.”

Todo esse incentivo pode ocultar de certa forma os desafios que os empreendedores vivem diariamente em seus negócios. Talvez com a apresentação dos reais desafios do empreendedorismo, alunos que hoje querem empreender poderiam perder esse interesse. Isso reforça a importância que as aulas de empreendedorismo têm em mostrar a realidade para o aluno: no relatório longitudinal realizado com alunos que responderam à pesquisa em 2012, é possível ver que cerca de dois terços dos alunos que desistiram de empreender fizeram aulas de empreendedorismo.

Segundo o grupo focal de Recife, o empreendedorismo ocorre em estágios. Portanto, mesmo que tenha desistido de empreenda agora, muitos alunos continuam considerando a ideia de ter o seu próprio negócio. Isso acontece com alguns jovens que começam a empreender, mas, por dificuldades financeiras e falta de experiência, ingressam numa empresa, mas o sonho de ter seu negócio no futuro continua, o que pode justificar o interesse de 60% dos jovens.

Resultados

AS AULAS, SEGUNDO OS PROFESSORES

As disciplinas de empreendedorismo oferecidas nas universidades das cinco cidades pesquisadas são diversas. Mas, assim como revelou a pesquisa quantitativa, os professores confirmaram que elas são frequentemente oferecidas nos cursos de administração e economia, sendo mais raras nos cursos de biológicas ou exatas, como engenharia. Também é frequente a oferta no formato de eletivas.

Algumas possuem um perfil bastante teórico e estimulam a pesquisa ao longo dos cursos, outras tentam equilibrar teoria e prática, boa parte delas faz estudo de casos ou é orientada principalmente para a elaboração de um plano de negócios, outras dividem em diferentes disciplinas a parte teórica e a prática, e ainda uma minoria não possui disciplinas específicas voltadas a empreendedorismo. Em algumas das universidades pesquisadas, está ocorrendo uma adaptação no formato das disciplinas de empreendedorismo, com a diminuição do foco na prática de plano de negócios e a adoção de outros conteúdos de empreendedorismo, como comportamento empreendedor, estímulo à inovação, etc.

Essa adaptação da dinâmica das aulas pode ser interessante para alinhar um pouco mais o que os alunos e alguns professores apontam como conteúdos importantes para as aulas de empreendedorismo e o que de fato é ensinado.

Existe, em alguns casos, uma contradição entre o que os professores estão entendendo por empreendedorismo e o que eles ensinam. Em alguns desses cursos, a grade curricular (limitação de horas/aula e quantidade de disciplinas) e as exigências de formato de avaliação dos alunos explicam parte dessa contradição, obrigando professores a seguir conteúdos programáticos muitas vezes em desacordo com a compreensão substantiva que têm da matéria de empreendedorismo, algo mais voltado ao comportamento empreendedor, e não somente a uma formação mais técnica, como a criação de um plano de negócios.

As disciplinas de empreendedorismo também sofrem, segundo os professores, pela cultura do emprego e por uma resistência à cultura de abrir empresas, sobretudo no meio universitário.

“TUDO O QUE VOCÊ FALA DE EMPREENDEDORISMO ENCONTRA REJEIÇÃO ENORME, PORQUE ESSAS PESSOAS ACHAM QUE EMPREENDEDORISMO É COISA DO 'CAPITAL'.”

“EU ACHO QUE AINDA TEM ESSA MENTALIDADE BRASILEIRA DE QUE O BOM É VOCÊ TRABALHAR EM UMA GRANDE EMPRESA.”

Resultados

AS AULAS, SEGUNDO OS ALUNOS

Tendo em vista que os estudantes conceituam empreendedorismo de formas variadas e elencam critérios também diferenciados do que são as habilidades de um empreendedor, uma mesma disciplina foi avaliada de forma muito diferente entre alunos de uma mesma IES.

A fala dos entrevistados sugeriu que as disciplinas universitárias podem ensinar a compreender o ambiente em que se vai empreender, ensinar ferramentas para calcular riscos e a planejar como enfrentá-los. As expectativas em relação às disciplinas como requisito pleno de preparação foram reduzidas, novamente, no Recife e no Rio.

“**CONHECER UM POUCO O AMBIENTE, SE AFINAR EM OUTROS LUGARES É MUITO IMPORTANTE, MAS REALMENTE, PRA VOCÊ EMPREENDER, NÃO EXISTE UMA PREPARAÇÃO EXATA, NUNCA VAI ACABAR EXISTINDO.**”

TEORIA X PRÁTICA

As respostas dos alunos foram muito diversas quando perguntados sobre suas preferências por tipos de cursos. Enquanto alguns consideraram a disciplina oferecida como decisiva para a sua formação empreendedora, outros classificaram como negativa a experiência que tiveram em sala de aula. Uma das causas dessa divergência está no

conflito entre aulas práticas e teóricas. Alguns entrevistados reclamaram das aulas teóricas, por não conseguirem dialogar as leituras com a prática do empreendedorismo.

Sobretudo os alunos que não dispõem de ambientes extracurriculares para o desenvolvimento de atividades empreendedoras solicitaram da sala de aula um ambiente predominantemente voltado para a prática.

“**ACHO QUE PODE SER MUITO BOA SE O PROFESSOR TROUXER UMA VISÃO PRÁTICA (...), MAS, NO MEU CASO, FOI UMA AULA SECA. A GENTE COMEÇAVA A LER O TEXTO E TAL, UM PEDAÇO LÁ, UM PEDAÇO ALI E, NO FINAL DAS CONTAS, NÃO AGREGAVA NADA. A PALAVRA É GROSSEIRA MESMO, MAS NÃO AGREGA NADA PORQUE VOCÊ SÓ LEU UM TEXTO. SE VOCÊ CHEGAR EM CASA E PEGAR UM LIVRO QUE FALA ALGUMA COISA SOBRE ISSO, VOCÊ APRENDE MUITO MAIS (...). ACHO QUE A UNIVERSIDADE, COM ESSAS QUESTÕES DE EMPREENDEDORISMO, PRECISA SER MAIS VIVA, TER MAIS SANGUE NESSE OLHO E MAIS SANGUE NESSA MÃO.**”

Resultados

AS AULAS, SEGUNDO OS ALUNOS

“EU TIVE CONTATO COM PROFESSORES DE EMPREENDEDORISMO E PRA MIM FOI UMA COISA MEIO ABSURDA. UMA PROFESSORA QUE DAVA AULA DE EMPREENDEDORISMO E NÃO DÁ EXEMPLO DE PESSOAS QUE EMPREENDERAM, O PROFESSOR DE EMPREENDEDORISMO QUE NUNCA EMPREENDEU. EU ACHO ISSO MEIO ESTRANHO. (...) VOCÊ DÁ AULA DE EMPREENDEDORISMO E NUNCA OUVIU FALAR DA ALIANÇA EMPREENDEDORA, QUE É UM SUPER EXEMPLO E TAL. ACHO QUE É MUITA TEORIA. E MUITA TEORIA NO EMPREENDEDORISMO NÃO FAZ O MENOR SENTIDO.”

Outros entrevistados valorizaram a sala de aula como espaço formativo que contemple a teoria do fazer empreendedor. No entanto, as entrevistas revelaram uma certa confusão dos alunos em relação ao que é teoria e prática. Para muitos, a leitura de casos é considerada teoria, possivelmente por envolver sobretudo leitura e discussão em sala, quando na verdade é uma situação empírica, como no exemplo abaixo.

“EU PARTICULARMENTE ACHEI BEM LEGAL ESTUDAR UM POUCO DA TEORIA, PEGAR BASTANTE ESSES EXEMPLOS PARA VER MAIS OU MENOS O QUE DEU CERTO, CLARO QUE NÃO EXISTE UMA FÓRMULA MÁGICA, MAS EU ACHEI INTERESSANTE ESTUDAR UM POUCO DA TEORIA.”

Outros elogiaram a possibilidade trazida pela universidade de dialogar teoria e prática na sala de aula.

“EU TIVE MUITAS MATÉRIAS TEÓRICAS – TIVE DOIS ANOS DE TEORIA DE SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA, ESTÉTICA, TEORIA DE COMUNICAÇÃO 1, 2, 3 E POR AÍ VAI. E TUDO ISSO ME AJUDOU A COLOCAR NO CHÃO E PERCEBER O VALOR DA TEORIA PARA REALMENTE FAZER ALGUMA COISA.”

Revelando diferentes preferências, enquanto alunos do grupo de Recife reclamaram do perfil excessivamente acadêmico dos professores, que tornariam as aulas excessivamente teóricas, alguns alunos do Rio elogiaram as disciplinas justamente pelo seu aspecto teórico, que é reforçado em algumas instituições cariocas.

Resultados

AS AULAS, SEGUNDO OS ALUNOS

“EU SEMPRE FUI MUITO APAIXONADO POR TEORIA. ACHO QUE O GRANDE PROBLEMA NA GRADUAÇÃO NÃO É APRENDER – O PROBLEMA É A DISSOCIAÇÃO ENTRE IDEALIZAR E REALIZAR. CARA, PARA MIM, EMPREENDEDORISMO É REALIZAÇÃO. NÃO DÁ PARA SEPARAR OS DOIS PROCESSOS MENTAIS.”

“O QUE ME INCOMODA (...) É A MENTALIDADE DE ALGUNS EMPREENDEDORES DE FAZER DICOTOMIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA, PRINCIPALMENTE ENTRE PESQUISA E REALIZAÇÃO, COMO SE PESQUISA NÃO FOSSE REALIZAÇÃO. (...) A GRANDE PARTE DOS EMPREENDEDORES EMPREENDEM COM BASE NO QUE PESQUISADORES FAZEM OU FALAM. PORQUE A PESQUISA É REALMENTE UMA BASE PARA DAR UMA DIREÇÃO.”

Vale lembrar que a oposição entre teoria e prática não é um problema enfrentado apenas no ensino de empreendedorismo, mas uma questão enfrentada por praticamente todo o sistema educacional atual. É preciso investigar qual seria o equilíbrio ideal entre as duas modalidades de ensino para as disciplinas de empreendedorismo.

Outro ponto importante identificado está na concentração da visão dos alunos de que disciplinas de empreendedorismo servem principalmente para uma busca de inspiração e para mostrar a “realidade” dos empreendedores. Porém, durante os grupos de foco, os alunos não apontaram de forma tão clara a necessidade de adquirirem capacidades mais técnicas, como aprenderem conteúdos de finanças, análise setorial, planejamento estratégico, etc. É possível que, quando de fato começarem a empreender, passem a ter essas demandas.

Resultados PARA EMPREENDER, TEM QUE SAIR DA SALA

A universidade foi a influência em favor do empreendedorismo mais destacada entre os alunos em todas as cidades, muito embora tenha sido exposta uma diferenciação clara entre a contribuição da sala de aula e a do ambiente universitário. Para além da sala de aula, a universidade foi considerada como ambiente de intercâmbio de ideias, conhecimentos, experiências e possibilidades de conexão entre a teoria e a prática, uma forma de preparação para o empreendimento futuro que a sala de aula não poderia oferecer, na visão dos alunos. Os alunos foram unânimes em dizer que experiências em atividades extrassala, como as empresas juniores, incubadoras, palestras e projetos de extensão universitária, são excelentes para a formação do aluno em empreendedorismo. A sala de aula é importante, porém, sair dela também é fundamental para a formação empreendedora, segundo os alunos.

“É O AMBIENTE, NÃO É A DISCIPLINA QUE GERA AS CONDIÇÕES [FAVORÁVEIS PARA APRENDER A EMPREENDER].”

Porém, as universidades, segundo os alunos, ainda precisam melhorar muito quando o assunto é a oferta de ajuda dos professores para empreender.

“VOCÊ VAI CONVERSAR COM O PROFESSOR, E ELE FALA ‘AH, LEGAL O QUE VOCÊ FAZ.’ MAS NINGUÉM FALA ‘VOU TE AJUDAR, VOU FAZER ISSO, VOU TE INDICAR ALGUÉM QUE TE AJUDA A FAZER ISSO.’ VOCÊ SÓ VÊ TODO MUNDO SAIR CORRENDO. NINGUÉM TE AJUDA.”

Além disso, o acesso a tais iniciativas e a contribuição que cada universidade faz é bastante discrepante. O padrão mais presente dessa discrepância encontra-se na polaridade entre as escolas das redes pública e privada. Os alunos das escolas públicas possuem mais atividades extraclasse do que os da rede privada, em geral. Contraditoriamente, as entrevistas sugerem que os alunos têm maiores dificuldades institucionais (formalização, burocracia, divulgação, materiais de consumo, bens permanentes, acesso a professores) em universidades públicas do que em privadas.

Enquanto a avaliação das disciplinas esteve diretamente relacionada ao que os alunos entendem por empreendedorismo e como vislumbram desenvolver suas habilidades, as entidades estudantis foram destacadas por praticamente todos os alunos como o lugar em que podem, cada um a seu modo, desenvolver as habilidades envolvidas no ato de empreender (com exceção do segundo grupo de São Paulo).

Resultados PARA EMPREENDER, TEM QUE SAIR DA SALA

“ACHO QUE OPORTUNIDADES DENTRO DA UNIVERSIDADE QUE TE PROPORCIONEM AUTONOMIA E EXECUÇÃO, COMO A EMPRESA JÚNIOR, PODEM DESMISTIFICAR O PRIMEIRO PASSO PARA EMPREENDER.”

Os alunos participantes do segundo grupo de foco realizado em São Paulo, de forma geral, demonstraram menos repertório sobre o contexto de empreendedorismo. Algumas atividades

extracurriculares de fomento às iniciativas empreendedoras dos alunos, comuns em várias universidades, não chegaram a ser discutidas durante esse grupo de foco. Uma possível causa desse acontecimento pode estar associada aos alunos dessas universidades, que, em geral, já trabalham desde os primeiros anos da graduação e possuem menos tempo para se dedicar às atividades fora da sala de aula. Essas atividades muitas vezes também não chegam a ser disponibilizadas pelas suas universidades, o que também ajuda a explicar essa situação.

Resultados

O EMPREENDEDOR É UM ETERNO ALUNO

Os alunos que já empreendem ou desejam empreender no futuro declararam estar se preparando para isso tanto quanto podem, mesmo entre as tarefas da faculdade. Além dos cursos de graduação, os alunos buscam preparo por meio de leituras extras, conhecendo e se relacionando com empreendedores, fazendo cursos específicos fora das universidades (o Sebrae foi citado nos grupos focais de Belo Horizonte, Curitiba, Recife e no segundo de São Paulo) e frequentando eventos relacionados. Mesmo assim, não se sentem totalmente preparados para empreender.

Os cursos - mesmo extrauniversitários - foram vistos com cautela pelos alunos que conceituam empreendedorismo para além da abertura de um negócio:

“AS PESSOAS PENSAM QUE FAZER O CURSO É SUFICIENTE. PENSAM QUE, SE TIVEREM NO CURRÍCULO QUE FIZERAM TANTOS CURSOS, ELAS ESTÃO PREPARADAS. MAS NINGUÉM GARANTE QUE ELAS ESTAVAM NA AULA PRESTANDO ATENÇÃO, QUE ELAS ESTAVAM APROVEITANDO O SEU TEMPO E APRENDENDO.”

“Colocar a mão na massa” e expandir a rede de contatos de empreendedores foram destacados como boas formas de preparação para empreender em todos os grupos de estudantes.

“PARA MIM, UMA FORMA INTERESSANTE É IR ATRÁS DE PESSOAS QUE EMPREENDEM, TER CONTATOS COM ELAS. MAIS DO QUE QUALQUER TIPO DE PESQUISA, EU GOSTO DE TROCAR IDEIAS COM ESSAS PESSOAS, CONVERSAR, REUNIR, PARA TENTAR PEGAR UM POUCO DESSA EXPERIÊNCIA QUE ELAS TÊM POR JÁ TEREM NEGÓCIO, JÁ ESTAREM EMPREENDENDO.”

“ESTOU ME PREPARANDO COM RELACIONAMENTOS. A MELHOR FORMA DE SE PREPARAR É ATUAR NA ÁREA.”

Mesmo procurando se preparar, nenhum dos entrevistados disse que se sentia completamente preparado para encarar todos os desafios de empreender, e consideram isso um ponto positivo, já que acreditam que a atividade exige preparação constante.

“ACHO QUE VOCÊ NUNCA ESTÁ PREPARADO.”

“ACHO QUE ISSO NÃO EXISTE.”

“QUANDO A PESSOA REALMENTE ESTÁ PREPARADA, ELA NÃO SE SENTE PREPARADA.”

Resultados

O EMPREENDEDOR É UM ETERNO ALUNO

Alguns alunos declararam não estarem preparados também pela fase das suas vidas.

“SEI CONTABILIDADE ETC.,
MAS NÃO ESTOU EMOCIONALMENTE
PREPARADO PARA SACRIFICAR MEU
FINAL DE SEMANA PELA MINHA
EMPRESA.”

Os que se declaram preparados, na verdade, dizem ter preparo para errar.

“ESTOU PREPARADO PARA VER O
ERRO, PARA VER O ACERTO.”

“ESTOU PREPARADO PARA ERRAR.”

Recomendações

O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO, ASSIM COMO AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS MAIS DIVERSOS AMBIENTES DA UNIVERSIDADE, É ESSENCIAL PARA DESENVOLVER E ESTIMULAR OS ESTUDANTES A ATINGIREM SEU POTENCIAL EMPREENDEDOR. AS RECOMENDAÇÕES SE BASEIAM NOS RESULTADOS MOSTRADOS NAS PÁGINAS ANTERIORES, INCLUINDO ALTERNATIVAS ESPECÍFICAS ÀS UNIVERSIDADES E ALGUMAS MAIS ABRANGENTES, QUE DEPENDEM DA ARTICULAÇÃO DE GOVERNOS COM AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO.

Recomendações

UMA UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA

Existe uma variedade de interpretações sobre o que é empreender. As aulas podem contemplar essa riqueza de visões, oferecendo cursos que ampliem a visão de mundo dos alunos ao tema e que integrem conteúdos multidisciplinares. Para empreender, é preciso estar antenado com o que está acontecendo no mundo, aprender a identificar oportunidades, questionar o presente e inovar no futuro - e as disciplinas empreendedoras podem mostrar essa visão.

Indo além, o empreendedorismo pode ser visto como um valor fundamental das universidades. Aplicar a cultura empreendedora em disciplinas e atividades não diretamente ligadas ao tema permite que alunos, professores e funcionários enxerguem o empreendedorismo como uma capacidade inerente à faculdade, e não uma responsabilidade isolada de algum centro de estudos.

“O QUE EU SINTO FALTA NÃO É UMA DISCIPLINA, É UM PROGRAMA.”
“INSTIGAR OS ALUNOS A MUDAR, A PENSAR AS COISAS DE UMA MANEIRA DIFERENTE.”

“CRIAR UMA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO É MUITO MANEIRO, MAS NÃO VAI RESOLVER O PROBLEMA. É UM SISTEMA COMPLEXO, PRINCIPALMENTE PORQUE ENVOLVE MUITAS PESSOAS. A GENTE TEM QUE PENSAR DE FATO EM SOLUÇÕES MAIS SISTÊMICAS, EM SOLUÇÕES MAIS INTEGRADAS.”

“O GRANDE PONTO NEGATIVO É SEPARAR. É A NOÇÃO DE UM DEPARTAMENTO DE EMPREENDEDORISMO. SE ALGUÉM FALA EM MATÉRIA DE EMPREENDEDORISMO, LOGO OUTRO DIZ ‘AH, ISSO NÃO É PARA MIM, ISSO É PARA EMPREENDEDOR’. ISSO NÃO EXISTE. O EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE TEM QUE ESTAR EM CADA CANTO DENTRO DOS CURSOS, ENTENDEU?”

“PORQUE O NOSSO PROJETO PEDAGÓGICO PRECISA SER TRABALHADO, PRECISA SOFRER ALGUMAS ALTERAÇÕES. ELE TEM MUITAS DISCIPLINAS, QUE ELES FOCAVAM MUITO EM GRANDES EMPRESAS, TRABALHAVAM COM EMPRESAS RURAIS QUE FOGEM DA PRÓPRIA REALIDADE DA REGIÃO.”

Recomendações

UMA UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA

“EU ACREDITO QUE PRECISA REVER O TRABALHO ENTRE OS PRÓPRIOS DOCENTES. SE NÓS QUEREMOS INSERIR A CADEIRA DO EMPREENDEDORISMO, SE NÓS QUEREMOS FALAR DE EMPREENDEDORISMO, ESTIMULAR OS ALUNOS A SEREM EMPREENDEDORES, EU PENSO QUE ELE NÃO TEM QUE SER UM CONHECIMENTO ÚNICO DE UMA DISCIPLINA, MAS ELE TEM QUE CONVERSAR COM TODAS AS DISCIPLINAS.”

“UMA DAS PERCEPÇÕES QUE EU TIVE É QUE MUITOS DOS NOSSOS ALUNOS LÁ, ELES NÃO CONHECEM, ÀS VEZES, NEM A PRÓPRIA CIDADE. ENTÃO, ISSO IMPEDE DE TER UMA VISÃO MAIOR, DE TER UMA VISÃO MAIS AMPLA, DE ACREDITAR, INCLUSIVE, NO SEU PRÓPRIO POTENCIAL.”

Recomendações PARA EMPREENDER, TEM QUE SAIR DA SALA

Os alunos destacaram, em todos os grupos de foco, as atividades que são feitas fora da sala de aula. A oferta de projetos embasados em conhecimentos acadêmicos, mas aplicados fora dos muros da universidade, foi destacada como grande fator de estímulo ao empreendedorismo. Muitos alunos relataram ter desejo de empreender após passar por essas experiências.

Muitos estudantes relataram ter ideias de pesquisas interessantes e um planejamento adequado de como executá-las, mas faltavam recursos financeiros. Diversos desses projetos poderiam ser financiados com bolsas de pesquisa, dentre elas públicas. As IES poderiam divulgar os recursos disponíveis e incentivar os alunos a fazer iniciação científica em empreendedorismo.

As entidades estudantis foram consideradas verdadeiros laboratórios de empreendedorismo pelos alunos pesquisados. Entre as universidades que contam com essas atividades, o aumento da participação de professores para orientarem os estudantes foi um ponto sugerido pelos alunos. Diversas IES ainda não dispõem desses espaços e poderiam criá-los, beneficiando todos os seus alunos. Fomentar o intercâmbio entre IES poderia ser benéfico para que aquelas que não dispõem desses espaços possam montá-los mais rapidamente e com mais assertividade.

“EU VI ISSO QUANDO ESTIVE NO MEU DOUTORADO FORA DO BRASIL, NA FRANÇA. EU VI MUITA PROXIMIDADE ENTRE A ESCOLA DE NEGÓCIOS QUE EU ME ENCONTRAVA (...) E COM AS ESCOLAS POLITÉCNICAS. ENTÃO, AS CONSULTORIAS JUNIORES DAS DUAS ESCOLAS SE ASSOCIAVAM E CRIAVAM UMA EMPRESA QUE IA PARA O MERCADO, PROCURANDO NOVOS INVESTIDORES PARA SUSTENTAR O SURGIMENTO DE UMA NOVA EMPRESA. ENTÃO, VOCÊ VIA QUE O ENVOLVIMENTO DO ALUNO ERA EXTREMAMENTE ELEVADO”.

“ACHO QUE ESSAS AÇÕES QUE EXISTEM DENTRO DA UNIVERSIDADE COLABORAM PARA TER UMA AÇÃO INTEGRADA DELA PARA O EMPREENDEDORISMO, NÃO SÓ DE UMA DISCIPLINA. ACHO QUE UMA UNIVERSIDADE QUE TEM UMA INCUBADORA OU EMPRESA JÚNIOR, AIESEC, ENFIM, PERMITE QUE, CASO VOCÊ TENHA ALGUMA IDEIA, TENHA ALGUMA FORMA DA UNIVERSIDADE CONSEGUIR TE AJUDAR. ESSA SÉRIE DE PEQUENAS COISAS DENTRO DA UNIVERSIDADE FAZ COM QUE ELA CRIE ESSA AUTOCONFIANÇA NO ALUNO. PORÉM, ISSO TEM QUE SER DIVULGADO, TEM QUE ESTAR NO DIA A DIA DO ALUNO.”

Recomendações PARA EMPREENDER, TEM QUE SAIR DA SALA

“VEJO, NO CASO DA MINHA UNIVERSIDADE, QUE NÃO TEM AS COISAS JÁ ESTRUTURADAS. NA (FACULDADE...), AS CONSULTORIAS JUNIORES EXISTEM HÁ MUITOS ANOS. ENTÃO NA NOSSA, QUE ESTÁ COMEÇANDO, EU SINTO A FALTA DO INCENTIVO DA UNIVERSIDADE DE PERPETUAR AQUILO. A CONSULTORIA JÚNIOR FICOU DOIS ANOS PARADA, E UM GRUPO DE PESQUISA OPERACIONAL SUMIU E NÃO VAI VOLTAR. PROJETOS DENTRO DA ESCOLA PARTEM DOS ALUNOS.”

As atividades realizadas fora da sala de aula também possuem a vantagem de possibilitar o contato entre alunos de diferentes cursos, que podem se ajudar na busca por novas ideias e visões para empreender. Essas conexões também podem ocorrer por meio de disciplinas eletivas, onde as diferentes formações dos alunos contribuem para a pluralidade das discussões na sala.

“É ISSO, CARA, TEM QUE SER DE FATO UMA COISA TRANSVERSAL. (...) VAMOS SUPOR, A GENTE PERCEBEU QUE TEM UM CARA QUE TRABALHA MUITO BEM COM SEQUENCIAMENTO DE DNA NA UFMG, E TEM UM CARA BRILHANTE NO NÚCLEO COMPUTACIONAL ELETRÔNICO DO UFRJ QUE TINHA POTENCIAL PARA FAZER AQUILO DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL. SE ELES SE CONHECESSEM, PODIAM EMPREENDER UMA SOLUÇÃO BRILHANTE, PODIAM ABRIR UMA EMPRESA E FAZER VÁRIAS COISAS INTERESSANTES ASSIM.”

Recomendações

PARA APOIAR O ALUNO, É PRECISO APOIAR O EMPREENDEDOR

A orientação profissional para estágios e empregos em grandes empresas existe na maioria das universidades. Por que não também oferecer apoio àqueles que desejam empreender ou já empreendem? Haver professores ou tutores que disponibilizem tempo fora da sala de aula, para auxiliar os alunos em seus projetos empreendedores, poderia ser um bom começo.

“ACHO QUE ALGUM PROFISSIONAL DE EMPREENDEDORISMO QUE ESTEJA DISPONÍVEL, TIRE DÚVIDAS E ACOMPANHE O NOSSO TRABALHO É MUITO IMPORTANTE.”

“É PRECISO ALGUÉM QUE SACIE ESSE MEDO. QUE DÊ UM POUCO MAIS DE CONFIANÇA, DE CORAGEM. É PRECISO PROJETOS QUE ESTIMULEM O ALUNO E UMA PESSOA QUE SACIE SUAS DÚVIDAS, QUE DÊ CREDIBILIDADE, QUE NÃO DEIXE O ALUNO DESISTIR.”

Foi consenso entre os alunos que relacionar-se com outros empreendedores e com pessoas de diferentes áreas é muito importante para empreender. Tendo em vista a reclamação, feita por alguns professores, de que o quórum algumas vezes é baixo quando convidam palestrantes, recomenda-se convidar empreendedores não apenas para oferecerem palestras, mas acon-

selhamentos individuais ou em pequenos grupos, fora do horário de aula, para os mais interessados. Outra boa dica é que os alunos participem da escolha desses empreendedores.

“GRUPOS DE ESTUDO E COACHING [...] PARA DEBATER O TEMA. ÀS VEZES, DENTRO DA SALA DE AULA, VOCÊ ACABA DELIMITANDO UM TEMPO. A GENTE TEM 50 MINUTOS PARA DISCUTIR SOBRE O TEMA E TALVEZ UM GRUPO POSSA SER FORMADO, (...) ACABA FECHANDO TANTO ESSA QUESTÃO.”

Tendo em vista o dinamismo do mercado e do mundo, mais do que técnicas, o aluno precisa saber onde buscar as ferramentas para resolver seus problemas e quais ferramentas escolher. Para isso, é fundamental que a universidade estimule a independência do aluno, sem deixar de estar por perto para orientar.

“EU ACHO, TAMBÉM, QUE CADA NEGÓCIO É UM NEGÓCIO. NÃO TEM COMO TER UMA RECEITA DE BOLO PRA VOCÊ EMPREENDER.”

Recomendações

TODO BOM COMEÇO TEM UM BOM PROFESSOR

O professor pode ser a base do ambiente empreendedor em cada universidade. Na sala de aula, a formação acadêmica é ponto fundamental. Porém, como frequentemente os alunos apontaram, além da formação, a didática adotada precisa alinhar as expectativas do professor e dos alunos. Fazer a ponte entre teoria e prática, mostrar os benefícios e desafios de empreender por meio de casos reais, aumentar a autoconfiança dos alunos, entre outras, podem ser boas estratégias para que os alunos avaliem a disciplina com cada vez mais opiniões positivas.

“TIVE PROFESSORES QUE DURANTE AS AULAS SÓ FALARAM DE FRACASSOS DELES. OS FRACASSOS DELES ME COLOCAVAM NO CHÃO E EU FALEI ‘CARA, É DIFÍCIL, NÃO É FÁCIL, MAS EU QUERO’. QUERO ME DESAFIAR COM ISSO.”

“EU ACHO QUE A GENTE TINHA QUE COMEÇAR PELOS PROFESSORES. TUDO BEM, A GENTE CONSEGUIU TRABALHAR COM OS ALUNOS, DISSEMINAR A CULTURA E TAL, MAS PRECISA CUIDAR DO PROFESSOR. O PROFESSOR É UM GRANDE EXEMPLO, SE VOCÊ TEM O PROFESSOR VALORIZANDO DE FATO O EMPREENDEDORISMO, ELE CONSEGUE MOTIVAR O ALUNO A FAZER UMA INICIAÇÃO CIENTÍFICA COM FOCO EM ABRIR UM NOVO NEGÓCIO.”

“EU PENSO QUE, PRA PODER TRABALHAR A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, TEM QUE COMEÇAR PRIMEIRO COM OS DOCENTES. SÃO ELES QUE VÃO TRANSMITIR E TRABALHAR COM OS ALUNOS. ENTÃO, PRECISAVA TER UM TRABALHO DE BASE, DE FAZER O NIVELAMENTO ENTRE ESSES DOCENTES, PARA COMEÇAR A TRABALHAR A QUESTÃO DO EMPREENDEDORISMO COM MAIS SINERGIA. MUITAS VEZES, QUEM ESTÁ MINISTRANDO UMA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO É FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO, MAS ELE NUNCA FEZ NENHUM CURSO OU PARTICIPOU DE NADA RELACIONADO A EMPREENDEDORISMO.”

“A FORMAÇÃO DO PROFESSOR TEM QUE SER MUDADA. O PROFESSOR, ELE ESTÁ SE TORNANDO UM PASSADOR DE CONTEÚDO E NÃO O DESENVOLVEDOR DE HABILIDADES NO ALUNO. ENTÃO, A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NÃO DEVE SER SOMENTE PARA O CARA MONTAR O NEGÓCIO. ELA TEM QUE SER FORTALECIDA EM TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO, SEJA NA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, COMO É A MINHA ÁREA, COMO NAS OUTRAS ÁREAS TAMBÉM.”

Anexos

Anexo 1

DETALHES SOBRE ENTREVISTAS E GRUPOS DE FOCO

Toda a coleta de dados foi realizada entre o segundo semestre de 2013 e os primeiros meses de 2014. Dois alunos participantes são pós-graduandos, enquanto o restante está cursando ou concluiu recentemente a graduação.

Do total, 30 alunos cursam administração, 13 engenharias e 17, outros cursos. Os professores entrevistados são professores de empreendedorismo e, eventualmente, coordenadores das atividades da área na sua IES.

ENTREVISTAS COM PROFESSORES

REGIÃO	ENTREVISTAS (Nº)	ESTADOS
CO	1	MS
NE	5	AL, BA, CE e PE (2)
SE	13	MG (4), RJ (2) e SP (7)
S	3	PR (2), RS (1)

GRUPOS DE FOCO COM ALUNOS

LOCAL	DATA (Nº)	ALUNOS	DURAÇÃO (MIN)	IES PARTICIPANTES
São Paulo	22/08/2013	8	114	Inspet, UNICAMP e USP
Rio de Janeiro	27/08/2013	8	100 (aprox.)	FACHA, PUC-Rio, UFF e UFRJ
Belo Horizonte	05/09/2013	12	102	Newton Paiva, Ibmec MG, UNESA, UFMG, IBS/FGV, PUC-MG, Faculdade Milton Campos, CEFET-MG
Recife	26/11/2013	6	135	UFPE, UFPB, UPE
Curitiba	03/12/2013	10	112	UFPR, FESP, UniBrasil, UFPR, PUC-PR, FAE
São Paulo 2	13/03/2014	16	105	Anhembi, FECAP, FMU, UNIFIEO, Uninove

Anexo 2

DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO DOS GRUPOS DE FOCO

Durante todos os grupos de foco, foram apresentados aos alunos 4 definições de empreendedorismo para que escolhessem qual delas fazia mais sentido para eles, além de estimular o debate. São:

DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDORISMO

1	"Empreendedorismo é a criação de um novo negócio através dos esforços pessoais de mobilização de recursos e pessoas."
2	"Empreendedorismo é a geração de valor por meio da proposição de uma solução inovadora, correndo os riscos necessários para sua consecução."
3	"Empreendedorismo refere-se primordialmente ao ato de administrar um negócio."
4	"Empreendedorismo é uma atividade voltada para quem quer ganhar dinheiro."